

RESILIÊNCIA E EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO NO TRABALHO DOCENTE

Waldilson Duarte Cavalcante de Barros/Pedagogo/Graduando em
[Matemática/UEPB/Waldilsonduarte@hotmail.com](mailto:Waldilsonduarte@hotmail.com)

Resumo:

Este estudo, com o título “ Resiliência e educação: uma reflexão no trabalho docente, se constitui numa pesquisa de campo com abordagem qualitativa, em que se buscou direcionar o olhar investigativo sobre a relação da resiliência com o processo de ensino aprendizagem. A pesquisa utilizada foi de caráter bibliográfico no intuito de discutir, analisar a relação da educação e resiliência no trabalho docente. Assim, buscamos compreender a realidade social dos professores em meio ao processo de resiliência, buscando identificar os objetivos e finalidades da resiliência para a educação. Com este estudo verificamos que o termo resiliência é pouco usado na educação, haja vista um conceito usado muito na física. Por esta razão entendemos que o nosso trabalho contribui para a pedagogia em elaborar um conhecimento novo que possa servir de interesse para outras produções e nesta informação concluímos que o trabalho docente uma vez tendo na sua prática educativa ações resilientes a promoção da educação contribuem para que haja de fato uma promoção de resiliência no contexto escolar. Portanto, a educação e a resiliência precisam andar juntas para que os professores no seu trabalho docente possam conduzir relações positivas lidando com as adversidades sem perder o foco que é conduzir as aprendizagens dos seus alunos numa dinâmica positiva para o processo educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Resiliência, Trabalho Docente

Este artigo inicia a sua discussão, reflexão, análise abordando o estudo de um conceito novo, chamado resiliência e sua importância na educação. Neste ponto afirmamos que desde que nascemos, encontramos obstáculos a serem enfrentados e passamos por situações de adversidades. Nós, seres

humanos, somos criaturas frágeis, pois precisamos de cuidados de outras pessoas para sobreviver.

Assim, neste sentido percebemos em Oliveira (1997, p. 84) que:

Em termos de desenvolvimento psicológico isso significa que o organismo humano nasce muito “pouco pronto”, isto é, com muitas características em aberto, a serem desenvolvidas no contato com o mundo externo e particularmente com os outros membros da espécie.

Logo, de posse da citação supracitada verificamos que o termo resiliência se faz presente em nossa vida, sendo que geralmente é com a ajuda do outro que um indivíduo torna-se um ser resiliente.

Então, segundo os estudos existentes sobre a temática resiliência trazemos a tona o pensamento Yunes e Szymanski (2001), afirmando que a origem histórica do termo resiliência provém da física e engenharia sendo um dos precursores o cientista inglês Thomas Young que em 1807 considerando tensão e compressão, introduz pela primeira vez a noção de módulo de elasticidade.

Segundo as autoras Yunes e Szymanski (2001), ele buscou a relação entre a força aplicada num corpo e a deformação que ela produzia, por isso foi o pioneiro na análise dos estresses causados pelo impacto. No sentido de reforçar esse entendimento, ainda no campo da Física e engenharia, segundo Tavares (2001) denomina-se resiliência de um material correspondente a determinada solicitação a energia de deformação máxima que ele é capaz de armazenar sem sofrer deformações permanentes.

Assim, percebe-se em Tavares (2001) que a área da Psicologia apropriou-se do conceito denominando resiliência como: a capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante, mantendo um equilíbrio dinâmico.

O estudo desse fenômeno vem sendo pesquisado no campo da Psicologia acerca de trinta anos. No entanto apenas nos últimos dez anos os encontros internacionais vêm trazendo o tema para discussão.

O conceito no campo da Psicologia conforme Yunes e Szymanski (2001) nasceu e se desenvolveu com Michel Rutter na Inglaterra e Emmy Werner nos Estados Unidos, chegando depois à França, Alemanha e Espanha.

Segundo Tavares (2001) a palavra resiliência no sentido etimológico tem como significado resilio de re + salio “ser elástico” que retorna a posição original após uma deformação. Do ponto de vista da Psicologia, resiliar é recuperar-se, dar a volta por cima depois de uma doença grave, trauma, estresse; é enfrentar as provações da vida, ou seja, primeiramente resistir a elas e depois conseguir superá-las para viver o melhor possível; inclusive para algumas pessoas se fortalecer ainda mais diante das adversidades.

Em países da Europa, nos Estados Unidos e Canadá, usa-se exaustivamente o termo resiliência por profissionais das áreas das ciências sociais e humanas. Nesses lugares ele é muito difundido com relação a pessoas, lugares, natureza, enfim nas mais variadas situações cotidianas. (Tavares, 2001).

No Brasil, o conceito de resiliência, ainda, restringe-se a alguns círculos acadêmicos, não havendo muito interesse em pesquisas a seu respeito. Infelizmente, os profissionais das áreas da Psicologia, Sociologia e Educação, na sua grande maioria, pouco conhecem a palavra, bem como seu uso.

De acordo com Hoch (2007), um dos mais importantes estudos a respeito da resiliência foi o acompanhamento de 698 pessoas que padeciam de pobreza extrema. Este estudo foi realizado pelas psicólogas norte-americanas Emmy Werner e Ruth Smith durante 32 anos em Kauai, uma ilha que pertence ao Hawaí. Segundo o autor o foco do estudo foram 72 crianças das 201 daquele grupo. Muitas delas além de viverem na pobreza, ainda sofriam com abusos sexuais, bem como violência doméstica, dissolução de vínculo parental, entre outros. Apesar de sofrerem muito por passarem por essas adversidades ao longo da vida essas crianças quando adultas não apresentaram problemas de aprendizagem e comportamentos. Sendo assim, as pesquisadoras consideraram como casos de pessoas resilientes. Desde que se iniciaram os estudos sobre resiliência, procura-se identificar os fatores de risco e os fatores de proteção que envolvem o tema.

Ainda de posse do pensamento de Hoch (2007, p.14) fatores de risco são: Influências que ocorrem em qualquer nível sistêmico (família, indivíduo,

comunidade e sociedade) que ameaçam os resultados de adaptação positivos. Os fatores de risco estão relacionados com toda sorte de eventos negativos de vida e operam de maneiras diferentes em diferentes períodos de desenvolvimento do indivíduo. Portanto, risco implica a probabilidade de consequências negativas que um indivíduo possa ter ao longo de sua vida.

Para Toledo (2008) significa, também, a presença de um ou mais fatores que aumentam as chances de resultados negativos para o indivíduo os quais suas origens podem ser: riscos biológicos, ecológicos e combinações biopsicossociais.

Neste sentido faz-se necessário distinguir dois níveis de risco: distal e proximal. O primeiro refere-se aquele que a criança não experimenta diretamente, ou seja, acometem diretamente seus familiares. O risco proximal é aquele que enfatiza as variáveis mediadoras como, por exemplo: cuidados familiares deficientes ou conflito entre os pais.

Ainda dentro deste contexto conforme Luthar, (1993 apud TOLEDO, 2008), apontam que alguns fatores de risco estão frequentemente relacionados ao processo educacional, tais como: Abuso sexual; Maus tratos; Álcool e drogas na família; Crimes na família; Classificação como “diferentes”, sofrendo exclusão; Separação dos pais; Morte de entes queridos; Falhas educacionais; Doenças crônicas ou terminais; Abandono; Entre outros.

Assim, os fatores de proteção implicam em condições de ambientes capazes de favorecer a criança, reduzindo os efeitos ou circunstâncias desfavoráveis. Parafrazeando Grunspun (2005), os fatores protetores podem atuar como escudo para favorecer o desenvolvimento humano, mesmo quando pareçam sem esperança pelo fato de estarem expostas aos riscos. Então, os mesmos referem-se a influências que alteram e tendem a melhorar as respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação.

Para Assis (2006) os mecanismos de proteção são compostos por recursos familiares e sociais disponíveis as crianças, bem como suas próprias forças para lidar com a inevitável adversidade na vida.

Portanto, acredita-se que as crianças pertencentes a um grupo de amigos e realmente sintam que fazem parte dele, crianças que fazem parte de uma família afetiva e estável e tem um bom vínculo com a escola possuem

elementos facilitadores para internalizar os mecanismos ou fatores de proteção.

De acordo com Rutter, 1987 (apud ASSIS, 2006, p. 63) vemos que:

Os processos de proteção têm quatro funções principais: reduzir o impacto dos riscos, alterando a exposição da pessoa a situação adversa; reduzir às reações negativas em cadeia que seguem a exposição do indivíduo a situação de risco; estabelecer e manter a auto-estima e auto-eficácia, através do estabelecimento de relações de apego seguras e o cumprimento de tarefas com sucesso; criar oportunidades para reverter os efeitos do estresse.

Neste sentido, os mecanismos de proteção que são dispostos internamente ou os captados do meio ao qual a criança pertence, tornam-se elementos decisivos para que haja estímulo e, conseqüentemente, potencializando a resiliência ao longo da vida.

Atualmente, conforme Antunes (2003) a resiliência é muito difundida em organizações empresariais. Uma empresa resiliente é aquela que supera certos problemas como: desastres naturais, mudanças econômicas, espionagem, ou mesmo concorrência... Muitas empresas firmam-se e planejam-se mediante princípios básicos resilientes. Sendo assim existem alguns deles relevantes para as mesmas tais como:

- Crença: na capacidade de manter estados de resiliência ou desejo sincero de conquistar os fundamentos dessa capacidade;
- Cultura: a cultura resiliente pressupõe princípios de auto-organização, capacidade de mudar quando necessário, confiança, liderança, criatividade. Nela o senso de confiança entre as pessoas é desenvolvido, bem como incitar as mesmas a buscar saídas, estratégias e possuir autoestima e automotivação.
- Espaço ambiental: para uma organização ser resiliente não é necessário um espaço rico, suntuoso, porém deve propiciar flexibilidade e contato entre as pessoas, para que elas possam atuar perante imprevistos com perseverança, agilidade e tendo espaço para se auto analisar frequentemente.
- Planejamento: este princípio básico de uma organização resiliente implica na construção de uma infraestrutura com espírito cooperativo, flexível, com muita reflexão e dinamismo.

Finalmente, o último princípio básico para promoção da resiliência em uma organização;

- As pessoas: são elas que incorporam o espírito resiliente, por isso, a necessidade de apresentarem habilidades e competências geradoras de comportamentos e atitudes eficientes e eficazes em ambientes diversos, imprecisos e inconstantes.

Portanto, partindo do pressuposto que as organizações empresariais necessitam desses princípios básicos para se tornarem resilientes, acreditamos que os mesmos são essenciais também para fomentar uma escola resiliente. Todavia, assim como algumas empresas, as escolas também encontram dificuldades para que isso aconteça deixando de efetivar a questão da resiliência nas mesmas.

Na era da globalização, em que ocorrem mudanças a todo o momento e a acelerada mudança no contexto social altera significativamente o modo de vida das pessoas, em que as transformações perpassam a economia, política, cultura e principalmente a educação, surgem novas exigências a cada dia para todos os envolvidos com a mesma.

Assim frente a esta realidade, Castro (2001, p.116) afirma que:

A solução dos problemas sociais não se dá de forma linear e instantânea. Os imprevistos e as mudanças provocam reações de desequilíbrio que exigem novas adaptações. Quanto maior o desafio maior a necessidade de desenvolver e potencializar certas habilidades, especialmente grande flexibilidade e capacidade de adaptação, inovação e criação diante das dificuldades e do desconhecido.

Enfim, percebemos que estudiosos do tema insistem na construção de um modelo de educação resiliente para o enfrentamento dos desafios.

EDUCAÇÃO ESCOLAR E RESILIÊNCIA

Autores como Antunes (2003), Assis, Pesce e Avanci (2006), Barbosa (2007), Tavares (2001), Varela (2005) e outros ressaltam a importância da resiliência na educação escolar, pois para eles, a escola é um dos espaços promotores de resiliência mais potentes que a sociedade pode implementar, por apresentar duas condições importantes. A primeira, porque agrupa distintos

sistemas humanos; a segunda, porque articula a pessoa do professor ao aluno dentro de uma perspectiva de desenvolvimento humano, de proteção, e não de fatores de risco.

Para os referidos autores, depois da família, a escola é o meio fundamental e essencial para que as crianças, na sala de aula, adquiram as competências necessárias para ter sucesso na vida, por meio da superação das adversidades.

Portanto, saber lidar com as formas de promover a resiliência é a chave para a educação cumprir objetivos fundamentais tais como formar pessoas livres e indivíduos responsáveis.

Sobretudo nos casos de ausência de laços afetivos familiares fortes e de sistemas de suporte social, cabe à escola um papel fundamental na educação para a resiliência: Ela possui funções que vão além da produção e reprodução do conhecimento. “Os exemplos e os incentivos são importantes para a formação do indivíduo e, portanto, investir na escola como espaço que contribua também para a promoção da saúde, a qualidade de vida e o bem-estar dos indivíduos que dela fazem parte pode ser um caminho para a prevenção de agravos à saúde”. (ASSIS, 2006, p.117).

O professor tem papel social a cumprir. “Esse papel pode ser desempenhado a partir das mais diferentes atividades, tais como: Trabalhar habilidades específicas e apropriadas para cada faixa etária; ensinar a coordenar e integrar a área cognitiva, afetiva e comportamental; articular a área acadêmica com a educação para a saúde e para a vida familiar; criar materiais claros, modernos e didáticos; treinar professores e pessoas especializadas que têm papel fundamental na vida dos alunos”. (ASSIS, 2006, p. 117-118).

Para se construir uma escola resiliente, é preciso que os professores sejam instados a compreender a importância de desenvolver estratégias de fortalecimento das pessoas e sejam preparados para isso, sabendo lidar com situações estressantes e adversas (MARQUES, 2008). Haja vista que pesquisas brasileiras e latino-americanas mostram a existência de algumas escolas em que professores conseguem elevado desempenho acadêmico dos alunos apesar da situação socioeconômica onde atuam (ASSIS, 2006).

De acordo com Antunes (2003), para que haja o desenvolvimento de competência, habilidades e estratégias para o fortalecimento dos sujeitos resilientes no ambiente educativo, é essencial privilegiar o presente, o aprender a aprender abrindo-se, assim, um leque maior de mecanismos de proteção:

Clima dialógico na comunidade escolar; valorização dos estudantes como protagonistas; trabalho coletivo; autoridade escolar compartilhada, existindo uma evidente liderança dos diretores; planejamento participativo; rotinas e atividades que vão além dos horários escolares; relação de afeto, respeito, diálogo e confiança entre os alunos, professores e gestores; participação da família e da comunidade nas atividades educacionais; ressignificação do espaço físico da escola; incremento da sociabilidade e construção do sentido de pertencimento; gestão inovadora, aberta e flexível às mudanças; administração eficiente; estabilidade de recursos financeiros e materiais necessários às atividades [...] (ASSIS, 2006, p. 78).

Boa parte dos problemas na escola poderia ser sanados se o ambiente mudar para melhor (CYRULNIK, 2004). Já que resiliência tem tudo a ver com presenças significativas, com solidariedade, com interações de seres humanos verdadeiramente humanos que formam comunidades saudáveis e acolhedoras (YUNES, 2001).

Por isso, a transformação da escola em uma comunidade resiliente exige, sobretudo, um olhar atento do docente, pois ele próprio precisa ir-se construindo como uma pessoa que detém esse fator diferencial. Tendo, segundo Riecken (2006), autoconfiança, persistência, criatividade, bom humor, liderança, capacidade de produzir conhecimento, relacionamento interpessoal e capacidade de sonhar.

Magnabosco (2006), em seu artigo “Um estudo sobre resiliência e seu papel na educação”, verificou a importância da resiliência para a educação escolar, ressaltando as formas de atuação do professor como promotor de resiliência para o aluno.

Já nesta mesma linha de pensamento a teoria de Pacheco (2008) e Damasceno (2007), o professor tem que desenvolver, em si, a capacidade de se libertar dos trilhos que construíram suas representações de escola e de educação. Assim, entende-se que pensar escola na sociedade contemporânea é pensar em reorientar o ser humano no mundo, é reconfigurar o espaço e o tempo de aprender e ensinar, é reelaborar a cultura pessoal e profissional.

O trabalho da promoção da resiliência no âmbito escolar é importante para estabelecer vínculos de sociabilidade, atitudes e comportamentos positivos, reafirmando valores e evitando, dessa forma, o isolamento social que leva a outros problemas graves como violência e a discriminação.

Segundo Andarilho (2007), perguntado sobre o significado da pedagogia resiliente, diz que todos os significados conduzem ao mesmo entendimento convergindo para um ponto central: o fortalecimento da pessoa. Daí a sua validade para o emprego na área educativa e a importância dos vínculos afetivos.

AS CONTRIBUIÇÕES DA RESILIÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO

[...] As condições sociais, nas quais grande número de professores trabalha, são adversas às exigências da profissão docente. “Construir laços de confiança e de afetividade que favoreçam o exercício das nossas capacidades de escuta e de reflexão exige conhecimento, estudo, enfim, competências teóricas que, por sua vez, exigem condições materiais e temporais que os professores têm cada vez menos” (MOLINA, 2007).

No cenário educacional brasileiro hoje, os professores, em sua grande maioria são vítimas de uma situação na qual não conseguem ser ouvidos como profissionais sérios e capazes. Porém, também os docentes costumam estar mais aptos a apontar os “nós” do sistema do que enfrentá-los, mesmo porque, são vistos como meros executores de tarefas. “E, assim, as mudanças vão e vêm idealizadas ao sabor de simpatias pessoais, cada vez que nova equipe gestora (nas esferas federal, estadual ou municipal) assume o poder” (ZAGURY, 2006, p. 21).

Então, de acordo com a citação supracitada percebe-se uma crescente frustração que domina os profissionais da educação gerando prejuízos que os atingem e estão à vista de todos: desmotivação pessoal e elevados índices de absentismo e de abandono, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e de indisposição constante.

A crise da profissão docente arrasta-se há longos anos no Brasil e não se vislumbram perspectivas de superação em curto prazo.

Neste contexto esta espécie de autodepreciação é acompanhada por um sentimento generalizado de desconfiança em relação às competências e à qualidade do seu próprio trabalho, o que é alimentado por círculos intelectuais e políticos que dispõem de um importante poder simbólico nas atuais culturas de informação (NÓVOA, 1999).

Assim, diante de toda essa problemática existente a escola assume um papel de “microcosmo” que reflete o mundo exterior e seus problemas, pois, no mundo atual, competições, desafios e dificuldades se apresentam cada vez mais acirradas na busca por espaços profissionais e pessoais. Ou seja, O profissional da educação precisa ser formado ? e se autoformar – para se preservar psicologicamente, para reagir, para ordenar seu mundo, suas necessidades, suas prioridades, seus desejos e ações. Então, se conclui que esta formação, nesse contexto, traduziria sua resiliência isto é:

Sua capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates – uma característica (poderíamos dizer características?) de personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar-se e à pressões de seu mundo de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente (TAVARES, 2001, p. 8).

Segundo a citação supracitada entende-se que a resiliência como o processo de lidar com acontecimentos vitais dissociadores, estressantes ou amenizadores proporciona ao indivíduo destrezas protetoras e defensivas. Assim, a escola pode contribuir ao dar condições ambientais que promovam aos indivíduos um investimento para que os professores invistam na sua resiliência. Só que para esse fim acontecer de fato precisa-se de um administração escolar sábia que tenha como meta o fomento do êxito escolar e social dos alunos. Seguindo neste raciocínio a promoção da resiliência no âmbito escolar, em resumo, pode contribuir para:

o estabelecimento de vínculos de sociabilidade, atitudes e comportamentos positivos entre professores e alunos, evitando o isolamento social que poderia gerar a violência e discriminação; (b) o fortalecimento de uma estratégia essencial frente à rapidez com que surgem as informações, os avanços tecnológicos, as mudanças sociais e o estresse que atestam as necessidades e dificuldades da vida moderna, exigindo do docente um desenvolvimento profissional para responder aos variados e crescentes desafios que enfrentam; (c) uma posição favorável do professor para identificar e ajudar os alunos enfrentarem problemas e dificuldades, evitando consequências prejudiciais à saúde e ao bom desempenho na escola; (d) criar meios

de fortalecer a saúde dos estudantes e professores, desenvolvendo o lado positivo de seu desempenho e a sua proteção; (e) criar estratégias para valorizar uma atuação dialógica e de negociação de conflitos, o que é altamente significativo em relação à prevenção da violência interpessoal (HANDERSON; MILSTEIN, 2005).

PROMOVENDO A RESILIÊNCIA NA ESCOLA

A escola é um espaço que além da aprendizagem, possibilita sonhos desejos, esperanças. Por isso, é lá que se desenvolve o pensar, que se amplia a visão de mundo das crianças.

Partindo desta premissa, a escola depois da família é um dos lugares promovedores de resiliência mais poderosos que existe. Nesta certeza é no ambiente escolar que acontece à interação entre os sujeitos por longos anos, assim, temos a vantagem de acompanhar o desenvolvimento das crianças e condições de atuar para possíveis intervenções necessárias a promoção da resiliência.

Neste aspecto lembramos Grunspun (2005, p.173):

As escolas sempre foram e continuam sendo os ambientes onde os professores e as crianças convivem, conversam e os alunos praticam jogos e brincadeiras nos recreios, nas comemorações junto aos professores, vigilantes, supervisores e diretores. [...] Esta convivência com os mais diversos programas, ideologias e ambientes físicos é a melhor é única oportunidade para a resiliência se desenvolver.

A educação resiliente permite dar coragem ao aluno para que sinta sua competência, desta, pode ajudá-lo a adquirir maior autoconfiança, autonomia, tendo assim uma visão otimista do futuro. Parafraseando Grunspun (2005), o estudante precisa acreditar em si mesmo, e isto acontece quando há a combinação de elevadas expectativas com suporte que garanta isto a ele.

Então, neste prisma, a educação resiliente conta com uma estrutura fundamentada na ética, o currículo é desafiador e os programas seguem os interesses dos estudantes, para que se sintam, engajados e sintam, também pertencentes aquela comunidade escolar, com oportunidades a todos os seus membros.

Assim, acredito que uma escola com um currículo resiliente cria condições que podem auxiliar no envolvimento significativo dentro da mesma. Logo, de acordo com os estudos sobre a resiliência encontramos em Henderson e Lilstein (2004), no Livro Resiliência na Escola, seis fatores promovedores de resiliência em uma instituição escolar que designaram de: Roda da Resiliência.

1. Enriquecer os vínculos: procura envolver as crianças em atividades cooperativas com o intuito de proporcionar interação para que elas sintam-se pertencentes ao espaço que estão inseridas. Desta maneira tem menos chances de se envolverem em condutas de risco em relação àquelas que não têm vínculo.
2. Estabelecer limites claros e firmes: implica em implementar políticas e procedimentos escolares claros e firmes, porém sem arbitrariedade, desde modo, os educandos sentem-se seguros para cumprir os objetivos propostos.
3. Ensinar habilidades para a vida: na contemporaneidade os educandos e educadores necessitam de desenvolvimento profissional e conhecimentos que vão além da transmissão de conteúdos. Com a rapidez que surgem novos dados, avanços tecnológicos e surgimento de novos campos sociais, os conhecimentos logo se tornam obsoletos. Portanto, há a necessidade de se “reciclar” sempre, a fim de criar estratégias de ensino que incluem cooperação, resolução de conflitos, destreza na comunicação, habilidades para resolver problemas diante de stress adotando uma postura saudável, entre outros.
4. Proporcionar afeto e apoio: elementos cruciais para a promoção da resiliência. Afeto e apoio podem e devem aparecer também nas escolas e não só no núcleo familiar. Uma forma de proporcioná-los e celebrar os resultados positivos alcançados, tanto dos educandos como dos educadores.
5. Estabelecer e transmitir expectativas elevadas: as expectativas precisam ser realistas e atingíveis a fim de alcançar os objetivos finais.
6. Proporcionar oportunidades de participação significativa: implica em efetivar a participação de todos os envolvidos em determinado ambiente escolar, assim como os familiares, por isso todos têm responsabilidades

pelo que ocorre na escola porque tomam as decisões em conjunto, planejam e fixam metas juntos.

Percebe-se, dessa forma, que de posse dos seis fatores promovedores de resiliência em uma instituição escolar acima citados concluímos que uma escola resiliente viabiliza o trabalho nas relações humanas, nas ações colaborativas, procura enfatizar que os pontos de vista diferentes não são necessariamente erros ou acertos, mas sim, divergências que podem colaborar para o desenvolvimento de novos aprendizados.

A RELAÇÃO DA RESILIÊNCIA E OS PROFESSORES

Os professores como agentes responsáveis para desenvolver nos alunos as suas potencialidades precisam estarem munidos de muitas capacidades para lidar com incertezas e imprevistos que ocorrem dentro de uma sala de aulas.

Sabe-se que recai sobre os professores uma pesada cobrança tanto dos familiares dos alunos, quanto das organizações sociais que esperam destes alunos o mais elevado nível de resiliência. Como êxitos e fracassos se misturam nesta interação de professores e alunos, podem os professores exteriorizar sentimentos na lida com as dificuldades criadas pelos alunos, mesmo parecendo funestos, sem por isso impedir que eles cheguem a procedimentos novos e mais qualificados.

Assim, em meio às adversidades que os professores enfrentam no chão das salas de aula, precisa-se compreender que uma escola com condutas resilientes precisa ter professores resilientes também, pois segundo alguns estudos, eles são uns dos principais tutores e promovedores de resiliência que atuam nas instituições escolares. (Castro, 2001).

Neste sentido Castro (2001, p. 1180) afirma que:

Preparar as pessoas para viver de um modo diferente, capaz de desenvolver certas habilidades humanas, implica um modo diferente de formação, revelado pela própria ação dos professores, ao desenvolverem uma prática reflexiva, constantemente renovada e aperfeiçoada.

A sociedade atual remodela-se a cada momento, vivem constantes processos de transformação, portanto, acredita-se que o educador precisa redefinir seu papel na ação docente, mobilizando conhecimentos necessários para o enfrentamento das mais diversas situações do cotidiano escolar.

Com isso, é necessário imbuir-se de atitudes diferenciadas, audaciosas e desafiadoras.

Nesta perspectiva parafraseando Castro (2001) ao adotar novas formas de ação e intervenção na realidade e munir-se cada vez mais de competências ligadas ao processo de desenvolvimento pessoal, o educador tem mais possibilidades de se tornar um profissional resiliente.

Neste sentido, acreditamos que o educador pode se tornar elemento ativo na transformação de uma nova sociedade, e conseqüentemente, de um novo cidadão que nela está inserido.

Tavares (2001, p. 49) nos diz que:

Os nossos professores e alunos terão que levar para as salas de aula. Das ciências, das letras, artes e das técnicas, também as grandes preocupações que, no mundo de hoje, afligem a humanidade, como o desemprego, a pobreza, a violência, a insegurança, a miséria e todas as outras formas de exclusão social.

Então, de posse da citação supracitada sabe-se que para efetivar uma educação nos moldes resiliência, urge termos educadores engajados a se envolverem diretamente com seus alunos, isto significa participar ativamente do cotidiano deles, significa sair dos muros da escola.

Diante desta realidade, acredita-se que estes profissionais da educação podem desenvolver um trabalho mais eficaz e efetivo, pois com esta interação entre professor e família, criam-se mecanismos de proteção, propiciando sentimentos de que todos pertencem a um mesmo projeto.

Segundo Castro (2001, p.117):

Essas situações práticas com as quais os professores lidam diariamente se revestem de complexas atividades interativas [...] ora entre professor e aluno, ora entre professor e demais elementos da realidade vivenciada, na qual se incluem os familiares dos alunos.

Percebe-se que Castro (2001) nos propôs a enfatizar que o professor resiliente possui um perfil diferenciado, como mostra a Roda da Resiliência segundo Henderson e Lilstein (2004). Segundo esses estudiosos, um profissional de educação com os perfis descritos na Roda da Resiliência, possivelmente possuem mais condições de atuar de maneira promotora da mesma no contexto escolar.

Assim, de posse desta discussão recorreremos a Tavares (2001, p.52) afirmando que:

O desenvolvimento de capacidade de resiliência nos sujeito passa através da mobilização e ativação das suas capacidades de ser, estar, de ter, de poder e de querer, ou seja, pela sua capacidade de autoregulação e autoestima com rasgo essencial de sua personalidade.

Portanto, acredita-se que o professor resiliente e promotor de resiliência prima pela busca de soluções eficazes para possíveis problemas do cotidiano escolar, bem como, tenta desenvolver habilidades que lhe facilite conviver com as inúmeras situações de adversidades, que por ventura, possam enfrentar no dia-a-dia da profissão.

REFERENCIAS

ASSIS, Simone Gonçalves. PESCE, Renata Pires. AVANCI Joviana QUINTES. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre. Artmed, 2006.

ANTUNES, Celso. **Resiliência**: A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. 2. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CASTRO, Maria A. C. Diniz de. Revelando o sentido e o significado da resiliência na preparação de professores para atuar e conviver num mundo em transformação. In:TAVARES, José (Org.) **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001

CRUZ, Vera Maria Silvestri. **Avaliação da aprendizagem**: Manifestações sobre a prática pedagógica e o discurso de novas possibilidades. 2004.

DEMO, (Pedro) **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996.

FONTANA, Roseli. Cruz, Maria Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários a prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRUNSPUN, Haim. **Criando filhos vitoriosos**: quando e como promover a resiliência. São Paulo: Atheneu, 2005.

HENDERSON, Nan. MILSTEIN, Mike. **Resiliência na escola**. Buenos Aires: Paidós, 2004

HOCH, Carlos Lothar. ROCCA, Susana. **Sufrimento, resiliência e fé**: Implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

LIBANEO, José Carlos. **Didática** São Paulo: Cortez, 1992.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky**: Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de: **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira, 2002.

TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. In: TAVARES, José (Org.) **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.